



Diálogo Florestal para a Mata Atlântica
Uma iniciativa regional do "The Forests Dialogue"

Diálogo Florestal para a Mata Atlântica e Pampa

Relatório do 5º Encontro Nacional
12 e 13 de Junho de 2008
Brasília, DF



SUMÁRIO EXECUTIVO

Em outubro de 2003, trinta representantes de organizações ambientalistas, da indústria de produtos florestais, proprietários de terras e academia encontraram-se em Santa Cruz de Cabrália, Bahia, Brasil, para discutir temas relacionados ao setor florestal e conservação da biodiversidade. Este encontro foi convocado pelo **THE FORESTS DIALOGUE**¹, um processo de diálogo com vários atores internacionais interessados em assuntos florestais.

O sucesso do Diálogo sobre Florestas e Biodiversidade em 2003 inspirou três organizações brasileiras e três empresas do setor florestal – Instituto BioAtlântica (IBio), The Nature Conservancy do Brasil (TNC), Conservação Internacional do Brasil (CI), Rigesa/MeadWestvaco, Suzano Papel e Celulose e Veracel Celulose – a proporem uma continuidade do Diálogo, envolvendo outros atores regionais e focando, especificamente, no desenvolvimento de uma visão comum entre o setor florestal e ambientalistas para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica. Esta proposta foi bem recebida pelo Comitê Gestor do TFD, que incluiu esta iniciativa na agenda do **THE FORESTS DIALOGUE** e a está apoiando.

A maioria das empresas florestais que operam na Mata Atlântica, especialmente aquelas do setor de papel e celulose, desenvolve projetos de recomposição florestal e de proteção e monitoramento da biodiversidade abrigada nos remanescentes de sua propriedade. Entretanto, nota-se que ainda há pouca cooperação entre as empresas e as organizações conservacionistas. Ambos os setores concordam que, para assegurar a sobrevivência da Mata Atlântica é necessário ampliar a escala dos esforços até então empreendidos, o que demanda a identificação de agendas comuns e o estabelecimento de parcerias para atingir a escala desejável.

Com o objetivo de desenvolver ações práticas e viáveis economicamente para a conservação da biodiversidade em áreas prioritárias e para o negócio das empresas, foi criado o **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA**, uma iniciativa que integra empresas de papel e celulose e organizações conservacionistas que possuem operações e atuação no bioma Mata Atlântica, considerado um dos mais importantes para a conservação da diversidade biológica do planeta.

Os resultados do, cuja primeira etapa foi realizada durante o triênio 2005-2007, permitiram a construção de uma visão comum, compartilhada entre as companhias florestais e as entidades ambientalistas. Essa visão levará a resultados concretos e conseqüente aumento da escala dos esforços para a conservação, gerando ao mesmo tempo benefícios tangíveis para a biodiversidade, as instituições e as empresas.

Este documento resume as atividades realizadas nos dias 12 e 13 de junho, em Brasília – DF, durante o Quinto Encontro Nacional, o primeiro da Segunda Fase da iniciativa, que, desde então, é denominada **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA E PAMPA**.

¹ Para mais informações sobre o TFD acesse <http://theforestdialogue.org>

QUINTO ENCONTRO NACIONAL

ABERTURA

Apresentação dos participantes e exposição das expectativas de cada um.

- Evidenciada a importância da operacionalização das idéias e implantação dos fóruns regionais.

Beto Mesquita (Instituto BioAtlântica) apresenta a programação do dia e dá o recado:

- A concretude se dá via fóruns regionais;
- O Encontro Nacional será um balizador e um "intermediador" das experiências.

André Guimarães (Instituto BioAtlântica) apresenta histórico do **THE FORESTS DIALOGUE**, como inspirador do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA E PAMPA**.

- Apresenta as prioridades, desafios, progressos, modo de operação e objetivos no Brasil.
- Relata resultados da reunião do grupo internacional, realizado em Abril, evidenciando que o Brasil se destaca pela abertura política, inclusão e democracia, condição que certamente se refletirá nos resultados do DFMA.

Beto retorna para apresentação do histórico do **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA E PAMPA**.

- Ressalta a importância da visão compartilhada.
- Necessidade de influenciar políticas públicas para a conservação em todas as escalas (grandes empresas, proprietários, ONGs, governos, etc.).
- Importância da implementação de ações concretas para a conservação e restauração.
- Apresenta a meta de ganho de 52% em áreas protegidas, restauradas ou com práticas de manejo.
- Apresenta o histórico das 5 reuniões que já ocorreram e a evolução do Diálogo.
- Relata o desafio inicial, dadas as desconfianças reinantes.
- Relata a formação dos grupos de trabalho até a formação dos fóruns regionais.
- O crescimento físico do grupo (mais empresas, mais ONGs, mais academia e mais governo).
- Até o embrião dos 6 fóruns regionais.
- Apresenta as necessidades mínimas para que os fóruns regionais possam ser criados. Ex: todas as ongs devem ser convidadas para o Diálogo.
- Evidencia os grandes temas a serem trabalhados: (1) Diretrizes para o fomento, (2) Acordos para ordenamento territorial e cooperação no ZEE, (3) Áreas particulares protegidas e (4) Relação água, florestas e biodiversidade.

Miriam Prochnow (secretária executiva) relata o andamento dos trabalhos nos fóruns regionais.

- **Henrique de Carvalho** (Floresta Viva) e **Luiz Quaglia** (Veracel) relatam as ações em curso no fórum regional do sul da Bahia.
- **Elizete Siqueira** (Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica) manifesta desconforto pelo fato de as discussões não representarem também as particularidades do Espírito Santo.
- **Mario Mantovani** (Fundação SOS Mata Atlântica) põe luz sobre a importância de se ativar as estratégias das associações de reposição florestal como apoio aos pequenos proprietários.
- **Giovana Baggio** (The Nature Conservancy) fala sobre o exercício de criação do fórum regional de São Paulo. A apresentação gera discussão sobre a própria denominação "fórum regional".
- **Beto** relata o estágio do Fórum Florestal Fluminense.
- E **Luiz Paulo Pinto** (Conservação Internacional) relata o estágio embrionário do fórum regional do Rio Doce.
- **Miriam** expõe o andamento do fórum regional das Florestas com Araucárias e a preocupação com a conversão dos remanescentes por políticas públicas equivocadas.
- **Káthia Monteiro** (Rede de ONGs da Mata Atlântica) relata as dificuldades iniciais e avanços do fórum regional do Rio Grande do Sul, traduzidos por reuniões "quase" mensais. Comenta a preocupação das ongs com a avidez das empresas florestais e com o atabalhoamento do estado.
- **Beto** reforça a necessidade de resultados concretos e apela para o compromisso entre as partes.

Miguel Calmon (The Nature Conservancy) apresenta o Pacto para Restauração da Mata Atlântica, reforçando a importância da estratégia de restauração em larga escala.

- Relata as missões do Pacto: (1) conservação da biodiversidade, (2) geração de trabalho e renda, (3) serviços ambientais e (4) adequação ambiental das propriedades.
- Identificados 15 milhões de hectares para restauração.
- Proposta de metas quantitativas e qualitativas para até 2040.
- Apresenta os 14 objetivos do Pacto.
- Abertura para participação de diversos atores, mas reforça que o mesmo é voltado ao proprietário rural.
- Mostra os avanços pela elaboração dos referenciais teóricos e criação dos 3 GTs.

Ricardo Rodrigues (Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal ESALQ/USP) apresenta conceitos técnicos, desafios da atividade de restauração florestal e exemplos de erros e acertos na atividade.

- Reforça a importância da sustentação econômica das iniciativas.
- Apresenta o trabalho de sistematização das estratégias de restauração, desenvolvido em parceria com a SMA-SP.
- Grupo conduz interessante discussão sobre estratégias de incentivos financeiros, ganhos econômicos e incorporação do conceito de valoração pelos serviços ambientais decorrentes das ações do Pacto.

- **André** destaca importância da mudança de paradigmas na "visão florestal do brasileiro médio"
- **Rubens Garlipp** (Sociedade Brasileira de Silvicultura) lembra da crescente importância dos fomentados nas estratégias das empresas. Isso pode alavancar um processo de incentivo para as corretas posturas ambientais dos produtores rurais.

Giovana apresenta trabalho "Florestas Nativas do Setor Florestal e a Conservação da Biodiversidade", realizado em parceria entre TNC, CI, IBio e Kimberly Clark, cujo objetivo é o de avaliar o potencial de conservação, existente nas empresas florestais.

- Conceitua a expressão "conservação efetiva": manejo adequado, viabilidade da biodiversidade e baixo nível de ameaça.
- Mostra o status de proteção da Mata Atlântica (2,3%, pela base da TNC).
- Necessidade de proteger o que existe e ampliar áreas para se chegar a 10%, apresenta demais metas e etapas para se atingir as metas.
- Começou por São Paulo, com Suzano, VCP e International Paper.

Beto retorna para apresentar o projeto Iniciativa Mosaicos Florestais (o Projeto Mesopotâmia da Biodiversidade).

- Evidencia que a região compreendida entre os rios Jequitinhonha e Doce é, estrategicamente, muito importante e descreve as características que conferem essa importância.
- Descreve o cenário das 3 empresas na região e a inexistência de mecanismos formais de cooperação e o surgimento da idéia de efetivação de um processo cooperativo.
- Discorre sobre os componentes e atividades do plano, sobre a primeira oficina de trabalho e sobre os próximos passos.
- Grupo reforça a importância do processo colaborativo e participativo na estratégia de conservação e **Jean-Francois Timmers** (Flora Brasil) sugere que essa cooperação se estenda às ongs e que a expansão dos novos plantios incorporem as melhorias conceituais e práticas já disponíveis.
- **Carlos Mendes** (Klabin SA) reforça o já exposto por outros colegas: necessidade de melhoria de comunicação pelas empresas e presença de ativos florestais naturais que necessitam ser valorizados.
- **Beto** finaliza reforçando a necessidade do envolvimento das diretorias das empresas e da valorização dos ativos.

Segundo dia 13/6/2008

Trabalhos em Equipe:

- **Beto** dá as orientações para os trabalhos em grupos;
- **Miguel** apresenta o andamento dos estudos-piloto de ordenamento do uso do solo: Mesopotâmia da Biodiversidade, Sul, Rio Doce (Cenibra), etc. O Geomeso será o sistema definido como ferramenta desse trabalho.

Fomentados: cita as 10 diretrizes elaboradas pelo Fórum de ONGs da Bahia. Trabalho da Apremavi com os fomentados da Klabin. Estudos de elegibilidade de créditos de carbono, processos de certificação são outros possíveis assuntos a serem tratados pelos fóruns estaduais / regionais.

- **Beto** cita que as 10 diretrizes (há mais três incluídas, perfazendo 13), sob o ponto de vista de ambientalistas deveriam já estar sendo aplicadas. Pelo lado das empresas, há dificuldades na implantação por riscos ao próprio negócio. De que forma essas diretrizes deveriam ser implantadas em outros estados como o Espírito Santo, no caso da Aracruz e Suzano. E para outras empresas em outros locais? Trata-se de um desafio dos fóruns regionais. A certificação pode ser um vetor para a adoção das diretrizes definidas. Vamos buscar o caminho para a implantação das normas. Na Bahia haverá um curso, para treinamento de 15 técnicos de licenciamento ambiental municipal em legislação, ética, e assuntos ambientais diversos.
- **João Carlos Augusti** (Votarantim Celulose e Papel): acredita que seja fácil implementar em outras regiões. Deveríamos sair daqui com um posicionamento, ao menos as macro diretrizes. Em São Paulo, o programa Poupança Florestal, que capacitará o produtor rural, e este receberá recursos para a conservação das APPs.
- **Sabrina Bicca** (Stora Enso) complementa a informação sobre o treinamento aos produtores.
- **Henrique** fala sobre resistência para averbar toda a propriedade quando se tem pouca proporção de plantio. Destaca os gargalos existentes, como o licenciamento ambiental demorado. Processo de averbação de Reserva Legal na Bahia leva 2 anos, enquanto em Minas Gerais leva 60 dias. Cada empresa tem relacionamento (estratégia) diferente com seus fomentados. Deveria ter uma padronização no trato com os fomentados.

Encaminhamentos:

Elizete: na 2ª fase, as 13 diretrizes do Fomento deveriam sair como recomendação aos fóruns regionais; pacto: recomposição (adequação) ambiental das propriedades rurais seria o objetivo.

Giovana: há estágios diferentes de desenvolvimento dos fóruns e dificuldades diferentes que se deve levar em consideração.

Miriam: destaca que são encaminhamentos diferentes. Há outros atores no sul, que atuam no setor, mas que não são influenciados pelo fórum. Portanto, o desafio é influenciar as políticas públicas em conjunto. Havendo as diretrizes nacionais e os fóruns regionais adotando seus princípios, haverá mais força para influenciar as políticas públicas.

Beto: as 13 diretrizes devem ser encaminhadas como sugestão de adoção, considerando as nuances locais. Influenciar a gestão pública: o Diálogo deve se posicionar quanto ao "hábito" de se criar ZEE apenas para a atividade de silvicultura, como no Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Luiz Paulo: houve mudanças na estrutura do governo de Minas Gerais que propiciará a agilidade nos processos de licenciamento e averbação de Reserva Legal.

DOIS NOVOS GRUPOS DE TRABALHO

Os participantes formaram dois Grupos de Trabalho para aprofundar dois novos temas prioritários que deverão inspirar os desdobramentos dos fóruns regionais. Os grupos buscaram emanar diretrizes a partir da avaliação das oportunidades e dos obstáculos relacionados a: (i) serviços ambientais, com enfoque em recursos hídricos, e (ii) áreas protegidas privadas e biodiversidade.

As avaliações e diretrizes estão relatadas abaixo.

GT Serviços Ambientais, com enfoque em recursos hídricos

Quais as maiores oportunidades presentes hoje para inserir este tema no Diálogo?

- Está na pauta (agenda) de todas as organizações dada a necessidade premente desses assuntos para a sustentabilidade dos empreendimentos florestais;
- Oportunidade de demonstrar os benefícios que estão sendo criados e usá-los para alavancar novos recursos para a melhoria desses serviços e sua aplicação em outras propriedades que não das empresas;
- Oportunidade de quantificar, qualificar e integrar as informações existentes nas empresas, ONGs sobre o tema para uso na integração de maciços, formação de corredores, e estudos de sua correlação aos serviços ambientais.
- Possibilitar a comunicação e integração do Fórum com outras entidades como Corredores de Mata Atlântica, Comitês de Bacias Hidrográficas, Reserva da Biosfera, etc.
- Valorização dos ativos das empresas e os serviços florestais (coberturas florestais, proteção e qualidade da água, seqüestro de carbono, biodiversidade, etc.).
- Possibilidade de projetar futuros desenvolvimentos do setor com base em padrões definidos
- Qualificação dos plantios florestais e manejo que agregue valor (valorar os serviços).
- Serviços florestais & uso do solo são base para o ordenamento do uso do solo.
- O diálogo e o relacionamento empresa x ONG, exemplo, os princípios do fomento, transparência para a sociedade, através seminários por exemplo, para propor políticas públicas.
- União de Ongs e empresas na implementação de assuntos de interesse global constitui-se em ferramenta para a elaboração de políticas públicas;

Quais os maiores obstáculos / problemas sobre estes temas?

- Pouco conhecimento científico disseminado sobre os serviços ambientais da floresta.
- Desconhecimento da sociedade sobre a relação da floresta com biodiversidade e seus serviços.

- Desconhecimento da importância do papel que os plantios florestais desempenham na proteção da biodiversidade e qualidade da água.
- Falta de divulgação dos estudos realizados
- Dificuldade da mídia na abordagem do tema "serviços ambientais das florestas".
- Desconhecimento dos agentes públicos quanto aos serviços ambientais
- Dificuldade de divulgação dos planos de desenvolvimento / expansão das empresas em novas regiões.
- Legislação - que pode ser usada para cerceamento da atividade florestal, que se traduz também em prejuízos à proposta de proteção da água e da biodiversidade.
- "Maus exemplos" de plantios, seja em áreas inadequadas, mal planejados ou substituindo vegetação nativa, que prejudicam as proposta de conciliação entre a atividade e proteção da água e biodiversidade.
- Insuficiência de recursos e capacitação técnica.
- Baixa qualificação técnica de gestores públicos, envolvidos em extensão rural.
- Desinformação da sociedade quanto aos serviços ambientais dos ecossistemas.
- Desintegração entre políticas públicas ambientais e econômicas

Diretrizes para a abordagem do tema pelo Diálogo.

1. Para fins de valoração dos serviços de formações nativas e plantadas, compilar, identificando lacunas e oportunidades, informações já existentes e ampliá-las através de pesquisas nas áreas de atuação das empresas.
2. Fortalecer e desenvolver mecanismos de divulgação dos serviços ambientais, através da mídia e outras ferramentas.
3. Utilizar serviços ambientais como critério para adequação e expansão de plantios, próprios ou fomentados.
4. Buscar mecanismos viáveis e capazes de remunerar proprietários rurais que estejam dispostos a se adequar ambientalmente.
5. Criar grupo, composto por representantes das empresas e de ONGs, com pessoas capacitadas, para avaliação, proposições e acompanhamento de projetos e ações.
6. Discutir proposta de políticas públicas, seja daquelas que estão sendo anunciadas pelos governos ou no sentido de novas proposições.
7. Promover capacitação para os vários atores envolvidos no processo, incluindo população do entorno.

GT Áreas Protegidas Privadas e Biodiversidade

Quais as maiores oportunidades presentes hoje para inserir este tema no Diálogo?

- O ativo florestal nativo do setor;
- Pessoal qualificado tanto em empresas quanto em ONG;
- Cumprimento das exigências do Código Florestal, acima da média;

- Empresas já possuem políticas de conservação;
- Existência de monitoramento da “biodiversidade”;
- Processos de certificação demandam ações nesta linha;
- Inserção de exemplos de conservação corporativa na temática de conservação em terras privadas na América Latina;
- Marketing ambiental;
- Garantia para um olhar diferenciado destas áreas;
- Áreas potenciais para educação ambiental da comunidade;
- Áreas de fornecimento de sementes para restauração;
- Áreas de extrativismo de produtos não madeireiros;
- Oportunidade para parcerias com os órgãos públicos, ex.: comitê de apoio às RPPN;
- Áreas como indicadores de biodiversidade;
- Importância das áreas naturais para o controle biológico nas áreas dos plantios florestais;
- Extensão das práticas conservacionistas para os fomentados das empresas;
- Lógica da formação de corredores ecológicos;
- Serviços ambientais (CO₂, água, clima, biodiversidade de flora e fauna).

Quais os maiores obstáculos/problemas sobre estes temas?

- Pouca valorização/desconhecimento das áreas protegidas por parte dos tomadores de decisão nas empresas (falta de conexão entre as áreas de conservação e de negócios);
- Processos de “averbação” altamente burocratizados, caros e lentos;
- Falta de incentivos para a conservação, recuperação e entraves para o uso sustentável;
- Estratégia de comunicação não contempla a importância das áreas naturais;
- Falta de orientações corretas para aplicação da lei e/ou orientações divergentes;
- Falta de conhecimento da legislação ambiental;
- Equipes da área ambiental das empresas são assoberbadas com atividades de licenciamento e com medidas emergenciais;
- Dificuldade de proteção física das áreas.

Diretrizes para a abordagem do tema pelo Diálogo

1. Escancarar as oportunidades como instrumento de valorização, esclarecimento e convencimento, dentro e fora das empresas. Ex.: pela divulgação dos resultados do estudo sobre a biodiversidade;
2. Traçar estratégias regionais para a adequação ambiental e influência junto às propriedades dos fomentados e seus ativos;
3. Compartilhamento mínimo dos dados ambientais para formação de um protocolo mínimo comum de monitoramento da conservação da biodiversidade;

4. Cobrar e apoiar o poder público para o cumprimento efetivo e eficiente da legislação ambiental e o incentivo à ações de conservação e uso sustentável;
5. Fomentar a integração entre os diversos programas de áreas protegidas;
6. Fortalecimento e valorização das equipes de meio ambiente das empresas e a proteção física das áreas.

Relatos sobre o andamento dos Fóruns Florestais Regionais

A seguir, foram apresentados relatos sobre as diversas experiências de diálogo que vêm sendo implantadas em algumas regiões da Mata Atlântica.

Fórum da Bahia

- Está trabalhando em como resolver um dos principais gargalos do fomento, que é a adequação das propriedades.
- Dias 29 e 30 de junho realizará uma Oficina sobre Uso Múltiplo da Madeira, com aproveitamento do eucalipto, visando a sustentabilidade da Mata Atlântica.
- Próxima reunião acontecerá nos dias 16,17 e 18 de julho.
- Criou um grupo de monitoramento, para acompanhar o andamento do Fórum, uma vez que nesta fase é imprescindível apresentar resultados concretos.
- Dia 01 de julho haverá uma reunião sobre SIG, para aprofundar o tema do planejamento da paisagem.
- Estão vendo a necessidade de incluir a discussão de temas sociais.
- Um dos desafios é a questão da inclusão do ES no Fórum.
- Houve uma sugestão de que o Fórum se chamasse “Fórum Regional do Corredor Central da Mata Atlântica”.

Fórum de São Paulo

- A primeira reunião aconteceu em abril, para conversar sobre instituições que seriam convidadas e também a pauta para uma reunião mais ampla.
- A próxima reunião será no dia 03 de julho.

Fórum Florestal Fluminense

- Iniciaram-se os contatos com diversos setores (FIRJAN, RMA, IEF).
- Haverá uma reunião preparatória em julho.
- Incluirão os outros setores que já atuam com a reposição florestal.

Fórum Florestal do Rio Doce

- Existe uma articulação através do Protocolo assinado entre os governos de Minas Gerais e do Espírito Santo, que é um embrião para um Fórum do Diálogo, mas que ainda precisa de uma discussão mais profunda.

- De concreto tem o projeto “Rio do Boi Sustentável”, que pode alavancar parcerias.
- Talvez o nome deva ficar como Fórum Florestal de Minas Gerais

Fórum Regional PR e SC

- A primeira reunião acontecerá nos dias 17 e 18 de julho, em Canoinhas e terá na pauta, além de uma apresentação sobre o Diálogo Nacional, os temas de Fomento e Ordenamento. Um dos dias do evento também será dedicado à uma visita à Rigesa.
- As reuniões do Fórum serão itinerantes.

Fórum Florestal do RS

- Tem tido reuniões, praticamente mensais, desde outubro de 2007.
- O foco das reuniões é evitar passivo ambiental, em especial no Pampa, uma vez que a atividade da silvicultura ainda não está implantada na região.
- Em julho realizarão uma primeira visita a campo.
- O apoio do Diálogo Nacional tem sido muito importante.
- Existe a possibilidade de se convidar organizações do Uruguai para participarem do Fórum.

Decisões Gerais sobre os Fóruns Regionais

- 1) É extremamente importante que os Fóruns Regionais apresentem resultados concretos, visando a sustentabilidade do próprio Diálogo Florestal.
- 2) Seria importante que os Fóruns Regionais retomassem as discussões sobre o modelo da reposição florestal, incluindo também outros setores.
- 3) Os Fóruns Regionais deverão ter como orientação os critérios e temas prioritários do Fórum Nacional.
- 4) Os Fóruns Regionais devem assumir os 13 “Mandamentos” do fomento, discutidos no âmbito do Fórum BA e acatados pelo Nacional.
- 5) Cada Fórum terá liberdade de escolher seu próprio nome.
- 6) As convocações deverão sempre ser em nome dos Fóruns Regionais.
- 7) É importante que os Fóruns Regionais tenham algum foco em um projeto “piloto”.
- 8) Os Fóruns Regionais poderão aprofundar a discussão sobre o Pacto para a Restauração da Mata Atlântica, utilizando inclusive como base o mapa produzido e o mapa das áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade.
- 9) Os Fóruns Regionais poderão discutir com mais propriedade a questão do relacionamento com os órgãos governamentais e sua efetiva participação nas atividades do Diálogo.

OUTRAS DECISÕES DO V ENCONTRO NACIONAL

1. A partir de agora o diálogo passa a incorporar o Bioma Pampa, assumindo o seguinte nome: **DIÁLOGO FLORESTAL PARA A MATA ATLÂNTICA E PAMPA.**
2. Ver a possibilidade de realizar um “Café da Manhã”, na Câmara dos Deputados, em conjunto com a Frente Parlamentar Ambientalista e a Frente Parlamentar de Silvicultura.
3. Agendar uma reunião de intercâmbio com os coordenadores do Projeto Corredores Ecológicos, na Secretaria de Biodiversidade e Florestas, do Ministério do Meio Ambiente.
4. Secretária de Biodiversidade e Florestas também indicou possibilidade de uma apresentação do Diálogo Florestal no CONAFLOOR.
5. Para o VI encontro nacional, será interessante trazer os presidentes das empresas.
6. O tema “Ordenamento Territorial” fica renomeado para “Planejamento da Paisagem”.
7. Próximo encontro nacional será no Pampa (quem sabe na cidade de Pelotas), no final de novembro de 2008.
8. Com relação ao intercâmbio com a iniciativa de “*Business and Biodiversity*”, Miriam ficou responsável de fazer os contatos necessários e repassá-los ao grupo do Diálogo.
9. Foram criados dois grupos de trabalho para aprofundar os novos temas. A lista dos grupos deverá ser consolidada através da lista geral:
 - *Serviços Ambientais, com enfoque em recursos hídricos* – Britto, Elizete, Sabrina, Lucio, Miguel.
 - *Áreas Protegidas Privadas e Biodiversidade* – Giovana, Luiz Paulo, Beto, Miriam, Zé Aurélio, Dalce e Herbert.

PARTICIPANTES DO QUINTO ENCONTRO NACIONAL

Nome	Empresa / Instituição
1. Alexandre Di Ciero	Suzano Papel e Celulose
2. André Guimarães	Instituto Bioatlântica - IBio
3. Alexandra Pimentel	Norske Skog
4. Afonso Kiehl Noronha	Norske Skog
5. Ana Lizete Farias	Banco Real
6. Beto Mesquita	Instituto Bioatlântica - IBio
7. Carlos José Mendes	Klabin SA
8. Daniela Brioschi	Masisa
9. Djalma Weffort	Apoena
10. Denise Rambaldi	CNRBMA
11. Dalce Ricas	Amda
12. Edegold Schäffer	Apremavi
13. Eduardo Quartim	Instituto Ecoar
14. Elizete Siqueira	Ipema
15. Giovana Baggio	TNC
16. Grasiela Hoffmann	Apremavi
17. Henrique F. Berbert de Carvalho	Floresta Viva
18. Jean-Francois Timmers	Flora Brasil
19. João Carlos Augusti	VCP
20. José Aurélio Caiut	Fundação Biodiversitas
21. Káthia V. Monteiro	Rede de ONGs da Mata Atlântica - RMA
22. Kaisa Tarna	Stora Enso
23. Luciano Lisboa Jr.	Aracruz Celulose
24. Luiz Paulo Pinto	CI
25. Luiz J.C. Quaglia	Veracel Celulose
26. Marco Brito	Rigesa/MeadWestvaco
27. Marcílio Caron Neto	Bracelpa
28. Mario Mantovani	Fundação SOS Mata Atlântica
29. Miguel Calmon	TNC
30. Miriam Prochnow	DFMAP
31. Paulo Groke	Instituto Ecofuturo
32. Ricardo Rodrigues	LERF
33. Rubens Garlipp	SBS
34. Sabrina Bicca	Stora Enso
35. Sandro Morais	Cenibra
36. Thadeu Melo	Instituto Bioatlântica - IBio